

DANÇA

Coppelia questiona as conexões humanas

Espetáculo tem apresentação hoje, no Centro Cultural Ariano Suassuna

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Certo dia, a professora de balé Antonieta Soares testemunhou todas as suas alunas sentadas no chão da sala de aula, comunicando-se apenas pelo WhatsApp. As artificialidades das conexões humanas fizeram-na evocar as ilusões cômicas presentes no balé clássico *Coppelia*, apresentado pela escola de dança paraibana Antonieta Soares Ballet Studio. O espetáculo é hoje, às 19h30, no Centro Cultural Ariano Suassuna, em Jaguaribe. Os ingressos estão sendo vendidos no *site* do Sympla a R\$ 90 (inteira) e R\$ 45 (meia). Baseado em um conto do escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822), *Coppelia* narra a história de Swanilda, noiva de Franz. Mas, às vésperas

ONDE:

■ CENTRO CULTURAL ARIANO SUASSUNA (Tribunal de Contas da Paraíba, R. Prof. Geraldo Von Sohsten, nº 147, Jaguaribe, João Pessoa).

do matrimônio, Franz acaba encantando-se por uma outra “mulher”, Coppelia, boneca anonimamente nomeada por seu criador, dr. Coppélius. Em tríade de atos consoante a tempos de robôs humanoides ultrarrealistas e inteligência artificial, até mesmo o exímio fabricante de bonecas passa a duvidar — como ocorre com Franz — da inautenticidade dos objetos não humanos. “A maioria das pessoas, hoje, tem dificuldade de olhar



Alunos da Antonieta Soares Ballet Studio contam a história

nos olhos das outras, de conversar, de estar em um ambiente social de carne e osso”, comenta. “Através da pantomima, a gente prezou em trazer realmente a essência da obra — acho que isso é um dos nossos diferenciais mesmo. Com

todo o respeito que eu tenho à arte clássica, a quem compôs, à trilha sonora, acho que isso tá faltando muito nos dias de hoje. Não que eu seja contra a novas criações ou contextualizar, mas creio que precisamos também respeitar a história”, diz a professora.

MÚSICA

Vó Mera e Suas Netinhas animam a UFPB

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A força da cultura popular emanada de Domerina Nicolau da Silva, a carismática Vó Mera, dá as mãos em grande roda como parte das apresentações culturais da Universidade Federal da Paraíba. Vó Mera e Suas Netinhas apresentam-se hoje, às 18h, na pracinha do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA/ UFPB). O evento é gratuito. A apresentação encerra a programação do 1º Simpósio Internacional Imagens, Corpos e Afecções (Sintato) em comunhão com a edição especial do 3º Encontro Perspectivas Feministas

na Investigação (EPF), que acontecem desde ontem na instituição, em ocupações de espaços como o Cine Aruanda e o Espaço Capela, com palestras, rodas de conversa e apresentações artísticas. Cantora e cirandeira, Vó Mera salienta a importância do *show* acadêmico. “Fui convidada e estou muito feliz,

porque a coisa mais importante na vida é a gente passar para o nosso público o que a gente sabe. Para mim vai ser muito gratificante, porque a cultura popular na nossa João Pessoa é muito rica. Assim que me convidam eu vou, com muito prazer”, diz ela. Quem já brincou nas cirandas de Vó sabe que não

podem faltar o zabumba, o ganzá e as alfaias, tendo as netinhas à frente dos instrumentos. Natural de Alagoinha, a cirandeira foi morar no bairro do Rangel, ainda criança, e em 2003 nomeou seu grupo como Vó Mera e Seus Netinhos — dada a colaboração do neto Fernando Dylan — depois “Netinhas” em função da integral composição feminina.



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

ONDE:

■ CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE (CCTA) (UFPB, Campus 1, Castelo Branco, João Pessoa).

Marconi Vieira (*)
Especial para A União

Historiografia e jovialidade em Octávio

Unanimemente considerado o mais completo historiador paraibano da atualidade, José Octávio de Arruda Mello distingue-se por duas características: gosto pela historiografia e apreço aos jovens. Se a primeira justifica o estudo *A Historiografia de Varnhagen aos Rodrigues – Estudos Paraibanos* (2026), a segunda explica a presente nota. Por onde passou, como professor, J.O. sempre atendeu às demandas dos jovens. À semelhança da colega Elza Régis, em Teoria da História, e Martha Falcão, em Economia e Sociedade, Octávio sempre procurou valorizar a história da História. Eis porque, inspirado na dupla Honório Rodrigues-Lúcia Guimarães, volta-se, agora, para Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro, como tema central de coletânea prevista para o próximo ano. Nada mais apropriado. Apesar de feição conservadora e colonialista, Varnhagen constitui estudioso que não se pode desprezar. E é isso que a mais nova criação de Octávio o demonstra. Tanto quanto seu mestre José Honório, o discípulo evidencia que se pode ressaltar um autor sem se concordar inteiramente com ele.

A universidade, aliás, existe para isso. A crítica que lhe deve orientar é para significar esse tipo de abordagem. Nada de fidelidades totais ou exclusivismos delirantes, mas equilíbrio entre aprovação e rejeição, ou seja, algo distanciado do maniqueísmo de algumas escolas da atualidade. Tal o integrante da Academia de Letras e Institutos Históricos concretiza plenamente. O Varnhagen que se opôs à revolução de 1817, é o mesmo que levantou algumas das principais fontes da história do Brasil. Foi com ele que, no país, a Deusa Clio adquiriu dimensão científica. Ao assim proceder, Zé Octávio significou metodologia extensiva a outros expoentes da historiografia nacional e internacional — Lêda Boechat, Hélio Jaguaribe, Francisco Iglésias, o casal Witter, Maria Thetis, Joseph Comblin, Manoel Correia, Celso Furtado. O pluralismo é de tal natureza que, ao focalizar o problema cubano, quem mais aparece é o historiador norte-americano Arthur J. Schelesinger. A historiografia de Varnhagen aos Rodrigues revela outra particularidade: a enumeração, pelo autor, das cinco obras que lhe

presidiram a formação e 10 que mais o impressionaram. Destas últimas, quatro são ficcionistas, o que expressa vinculação entre história e literatura. Fora daí, a próxima contribuição da Editora Ideia, de Magno Nicolau, não esqueceu a Paraíba. Ao dela ocupar-se, Octávio salientou a visita de Mary Del Priore a Campina Grande e, a seguir, publicistas Rodrigues de Carvalho, Ademar Vidal, Samuel Duarte, Josué Sylvestre, Lauro Xavier, Fatima Araujo e fotógrafos, liderados por Antônio David, vocacionados para a história. Nesse ponto, dir-se-á que José Octávio exagera ao considerar José Urquiza “grande teórico da literatura paraibana”, secundando Joel Silveira na condição de “o maior filho de Sergipe, em todos os tempos”. Mas o militante honoriano é assim mesmo: apaixonado pelo que faz e escreve, seu compromisso é com a história viva que seu livro vindouro revela em apropriada sortida de nossa vivência cultural.

(*) Professor aposentado do Ensino Médio e historiador de São José de Piranhas, pertencente ao IHGP.

Baú de Livros

Neide Medeiros Santos
neidemed@gmail.com

Presentes natalinos (1)

Recebi muitos livros de autores paraibanos neste fim de ano, adquiri outros e estou com a estante cheia de livros à espera da leitora. Alguns já foram lidos, há os que estão na fila e serão brevemente lidos e comentados. De Roniere Leite Soares, veio pelos correios – *Uns Cartuns* (Ed. Kattleya, Maceió). Na FliParaíba 2025, no dia e lançamento deste livro, ele ainda me deu outro exemplar para presentear a um amigo ou amiga, já tenho o destino certo, vai até com oferecimento. Conhecia o trabalho de Roniere no jornal **A União**, caderno *Memorial* e no *Jornal do IHCG* – Instituto Histórico de Campina Grande. Sabia que era poeta, músico, compositor musical, desconhecia esse lado humorístico, Roniere cartunista, e muito me surpreendi. Ele reuniu trabalhos mais antigos, da década de 1990, outros mais atuais e publicou um livro cheio de jocosidade, de traços irreverentes, alguns bem originais como o do maestro Villa-Lobos, fumando um cachimbo em forma de trem, alusão à composição “Trenzinho caipira”, um clássico do repertório musical do maestro e compositor brasileiro. Nélida Campos me convidou para um cafezinho que veio na companhia de um livro infantil: *As Aventuras de Pepeu e Rafa*, uma publicação da Editora Flamingo, uma editora portuguesa. Nélida é professora do Ensino Fundamental, professora de inglês para crianças. É também psicopedagoga, e mãe de dois filhos bem curiosos que são fontes de inspiração para criar suas histórias. O livro recebeu ilustrações criativas de Lygia Fernanda, formada em Educação Artística, com habilitação em Artes Visuais pela UFPB. É também professora de artes para crianças e adolescentes. Foi uma união bem sucedida entre o texto verbal e o pictórico. A história destina-se a crianças que estão começando a ler e a descobrir o mundo da fantasia, não faltando a presença de animais – um gorila, lagarta e um quintal que se transforma em floresta. Para coroar tudo isso, aparece a figura da avó, personagem muito querida na vida das crianças. Mirtes Waleska Sulpino, criadora da Festa Literária de Boqueirão (Flibo), também me enviou pelos correios *Era uma vez... Ciço, o Calango Rei*, editado pela editora campinense Papel da Palavra, ilustrações de Régis Ramos. Por sua boa aceitação entre as crianças, o livro já está na terceira edição. O texto é rimado, parece uma cantoria de viola e tudo se passa em um ambiente bem nordestino, com pés de algaroba e outras plantas e animais da região do Cariri. O personagem principal é um calango, bichinho bem comum entre os mandacarus e a secura do Sertão. O livro contém informações sobre a flora e a fauna do Cariri paraibano e a música de Ciço, o calango. É ler, cantar e se divertir. Mirtes Waleska pertence à Academia de Letras de Campina Grande, é historiadora, poeta e contista. Régis Ramos é formado em Design Gráfico, professor de Artes, músico e compositor. Costuma dizer que foi no desenho que encontrou “uma janela para o novo mundo”. Há outro livro para crianças maiores ou até para adultos que foi oferecido por meu confrade da Academia Paraibana de Letras, Thélío Queiroz Farias – *Bingo! Reminiscências de um Cachorro: uma Câografia* (Ed. Eduepb, 2025). O livro recebeu expressivas ilustrações da filha do escritor – Thaís Steinmüller Farias. Fui prefaciadora do livro e se elogiar muito os leitores vão ficar desconfiados, mas garanto-lhes que a história é bem interessante. Fotos, ilustrações, referências a filmes sobre cachorros, livros de autores consagrados sobre o mesmo tema estão presentes nesta fábula/ história de leitura agradável e cativante. Aproveito para louvar as editoras paraibanas, estamos todos de parabéns, a Paraíba pode se orgulhar de ter bons escritores, bons poetas e agora boas editoras. Neste Natal, presenteie com livros de autores paraibanos, eles merecem nosso apoio e incentivo. Recebi também livros para o público juvenil e adulto. Na próxima semana estarão em pauta com a mesma recomendação. Vamos valorizar nossos escritores e nossas editoras.